

# ARCA DA ALIANÇA<sup>1</sup>

Gilvan Leite de Araújo<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta uma breve história da Arca da Aliança. A Arca da Aliança é uma marcante instituição do povo de Israel. O Senhor havia escolhido um povo particular, feito uma aliança com ele. A Lei que firmava a aliança entre o Senhor e Israel havia sido dada por Deus a Moisés, que as depositou na Arca, segundo normas estabelecidas pelo próprio Senhor. A Arca, contendo as tábuas da Lei, acompanha a vida de Israel nos principais momentos da sua história.

**Palavras-chave:** Arca. Tenda. Nuvem.

## *The Ark of the Covenant*

**Abstract:** This article presents a brief history of the Ark of the Covenant. The Ark of the Covenant is a remarkable institution of the Israel's people. The Lord had chosen a people, made a covenant with them. The Law that rested upon the Covenant between the Lord and Israel had been given by God to Moses, who deposited it into the Ark, according to standards established by the Lord himself. The Ark, containing the tablets of the Law, follows the life of Israel in key moments of its history.

**Keywords:** Ark. Tent. Cloud.

## Introdução

Os relatos da consagração do Templo de Jerusalém, construído durante o reinado de Salomão, informam que durante o rito de consagração foram trasladados a Arca da Aliança, a tenda da reunião e todos os objetos sagrados da cidade de Davi para o Templo (cf. 1Rs 8; 2Cr 5.2-9,16). Intencionalmente, tal evento teve a função de vincular a antiga tradição do deserto e de Silo com a nova realidade política e religiosa, que vinha se desenvolvendo desde o reinado de Davi e se fortalecia com o reinado de Salomão. Além de estabelecer um vínculo, tal ligame legitimava o Templo e, ao mesmo tempo, estabelecia uma continuidade da tradição do deserto e de Silo.

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 22 de agosto de 2011 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 24 de agosto de 2011.

<sup>2</sup> Padre, doutor em Teologia Bíblica pelo Angelicum de Roma e membro do programa de pós-graduação da PUC-SP. glaraujo@pucsp.br

## 1. A Arca da Aliança do Senhor

A Arca, segundo o relato do livro do Êxodo, surge por uma ordem direta do Senhor de construir uma arca de madeira de acácia, com dois côvados e meio de cumprimento e um côvado e meio de largura e um côvado e meio de altura, toda ela revestida de ouro, com quatro argolas de ouro, por meio das quais se passavam os varais de madeira de acácia, também revestidas em ouro, para o transporte da mesma. Sobre a Arca existia o propiciatório, feito em ouro. Nas extremidades da Arca encontravam-se dois querubins, também em madeira de acácia e revestidos em ouro, cujas asas recobriam a Arca e formavam um só corpo com o propiciatório (cf. Êx 25.10ss). A função da Arca era a de acolher as tábuas da Lei, ou dentro da tradição sacerdotal, as tábuas do Testemunho (תַּבּוּתֵי הַבְּרִית).

Existem diversas referências sobre a Arca na Sagrada Escritura de Israel, nada menos que vinte e duas designações. Frequentemente a Arca é designada somente como “Arca” ou como “Arca do Senhor” ou “Arca de Deus” ou “divina Arca”. A tradição deuteronomista tende a denominar a Arca como “Arca da Aliança do Senhor”, enquanto a tradição sacerdotal prefere denominar “Arca do Testemunho”.<sup>3</sup> Essa variação de designações reflete o pensamento de tradições presentes no antigo Israel. Algumas vezes, a Arca é associada ao nome divino: Arca de Deus, Arca do Senhor, Arca do Deus de Israel, Arca do Senhor de toda a Terra. A maioria dessas combinações de Arca com o nome divino ocorre dentro da redação da História Deuteronomista e o restante em Crônicas.

A narrativa de 1Sm 4-6 associa Arca com o nome divino de “*Senhor dos Exércitos, entronizado entre os querubins*” (1Sm 4.4). Os textos de Js 3.3 e Dt 10.8 relacionam os dois nomes divinos, ou seja, Senhor e Deus em relação à Arca (אָרְכָן בְּרִית־יְהוָה – *Arca da Aliança do Senhor vosso Deus*). Em 1Sm 5.7, encontramos o nome Arca do Deus de Israel (אָרְכָן אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל). Apesar das variações, em geral, a Arca está relacionada com o nome divino devido à sua importância e pelo que ela comporta e representa.

A Arca também é relacionada com a palavra Aliança. Tal contato tem a função apenas de definir a função da Arca e, geralmente, aparece dentro da tradição deuteronomista. A tradição sacerdotal preferiu adotar o nome de Arca do Testemunho (אָרְכָן הַבְּרִית). Esta última denominação é sinônimo da expressão Arca da Aliança, porém pertence à tradição sacerdotal. 1Rs 8 designa a Arca com os nomes de “Arca da Aliança do Senhor” ou “Arca do Senhor” ou, ainda, simplesmente “Arca”.

<sup>3</sup> DAVIES, G. Henton. Ark of the Covenant. In: BUTTRICK, George Arthur (Ed.). **The Interpreter’s Dictionary of the Bible**. Nashville; New York: Abingdon Press, 1962. v. I, p. 222.

## a) História da Arca da Aliança

O período anterior à instalação da Arca no Templo de Jerusalém é ainda um tema controvertido. A tradição do Êxodo apresenta a Arca que acompanha o povo de Israel durante o seu percurso no deserto rumo à Terra Prometida. Após a entrada em Canaã seguem-se alguns eventos que colocam em dúvida a real localização da Arca na Terra Prometida até o seu traslado da Cidade de Davi = Sião para o Templo de Jerusalém por Salomão. Segundo Seow<sup>4</sup>, a precisa origem da Arca é obscura, e a tradição bíblica coloca a sua origem em época pré-monárquica.<sup>5</sup> O chamado “Brado da Arca” (Nm 10.35-36) está inserido no contexto da caminhada do deserto sob a liderança de Moisés e manifesta um contexto de campanha militar (cf. 1Sm 4-6). Além de deixar transparecer a imagem da Arca como um paládio de guerra, na terra de Canaã ela assume, também, um caráter cultural e político, sendo que sua presença significa a presença do Senhor, que no relato de Josué quer legitimar tal líder (cf. Js 3.1-5.1; 6.1-25).

Após a travessia do Jordão, a Arca é estabelecida em Silo (cf. Js 18.1) e, periodicamente, era trasladada (em visita?) aos santuários centrais, como o de Betel e Guilgal (cf. Jz 20.18, 26-27; 2Sm 7.6). Contudo, é atestada uma festa anual do Senhor em Silo<sup>6</sup>.

O livro de Samuel relata-nos a captura da Arca pelos filisteus durante uma batalha contra os israelitas. Após a captura, a Arca foi conduzida para Ebenezer a Azoto e a introduziram no templo de Dagon. Depois de vários incidentes, os filisteus resolvem se livrar da Arca enviando-a sobre um carro novo conduzido por duas vacas que seguiu para Bet-Sames (cf. 1Sm 5-6). De lá os israelitas conduziram a Arca para Cariat-Iarim (1Sm 6.20-7.1), onde permaneceu sob os cuidados da casa de Abinadab por cerca de 20 anos, tendo Eleazar como guarda (1Sm 7.1-2). 1Cr 13.3 deixa transparecer que durante esse período, ou pelo menos, durante o tempo de Saul, a Arca da Aliança tenha perdido importância dentro da vida cultural de Israel. Contudo, nota-se que o santuário de Silo, durante esse período, começa a perder a sua importância. Discute-se entre os exegetas se esse fato se deve à destruição de Silo ou apenas porque a Arca não mais retornou ao seu antigo posto.

Dentro do processo de unificação política e religiosa de Israel por Davi, uma das suas preocupações será justamente resgatar a tradição da Arca da Aliança como elo de unidade entre as tribos do Norte e do Sul, bem como a escolha da cidade jebusita de Jerusalém como ponto neutro entre tais reinos.

O traslado da Arca de Baala de Judá ou Cariat-Iarim para Jerusalém será acompanhado por toda uma suntuosa solenidade, ao modelo daquela que sucederá,

---

<sup>4</sup> SEOW, C. L. Ark of the Covenant. In: **The Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday Dell, 1992. v. I, p. 386-393; DENTAN, R. C. Ark of the Covenant. In: BUTTRICK, 1962, v. I, p. 225.

<sup>5</sup> SEOW, 1992, v. I, p. 388.

<sup>6</sup> Esta festa anual em Silo é atestada em Jz 21.19 e 1Sm 1.3, 21; 2.19 e deve tratar-se da Festa da Colheita (cf. Êx 23.16; 34.22), chamada em Dt 16.13 de Festa das Tendias.

posteriormente, quando da consagração do Templo de Jerusalém. No relato do segundo livro de Samuel, Davi convoca toda a elite do seu exército e junto com todo o povo transladam para Sião a Arca em clima de grande alegria, cantos, danças e sons de instrumentos musicais, apesar do incidente com Oza, filho de Abinadab que é fulminado pelo Senhor quando esse tenta impedir que a Arca tombe (2Sm 6.6-11). Chegando à cidade de Davi, a Arca foi depositada “*no seu lugar*” (2Sm 6.17), ou seja, no meio da tenda, que Davi tinha feito armar para recebê-la. Seguem-se ofertas de sacrifícios. Após o término das ofertas de sacrifícios, Davi abençoa o povo em nome do Senhor dos Exércitos e distribui, a cada participante, um pedaço de pão, uma porção de carne e um doce, e todos retornam para suas casas (cf. 2Sm 6).

Uma particularidade do relato do traslado da Arca por Davi é que não se faz menção da tenda da reunião nem dos objetos sagrados e, por outro lado, Davi arma uma tenda em Sião para abrigar a Arca da Aliança (cf. 2Sm 6.17). Outra particularidade é a menção da Arca sobre a qual é invocado o nome do Senhor dos Exércitos, que se assenta sobre os querubins (2Sm 6.2). Indagando sobre a questão da tenda, podemos perguntar: teria Davi edificado uma nova tenda para abrigar a Arca ou apenas teria transferido a antiga tenda para Sião? Caso Davi tenha edificado uma nova tenda, o que teria acontecido com a tenda de Silo, ou não existia uma tenda de Silo, ou teria a tenda sido destruída pelos filisteus? A menção à tenda desaparece no relato de Crônicas (cf. 1Cr 15.3), mas, por outro lado, o Senhor afirma que passava de tenda em tenda (cf. 1Cr 17.5), contrário à afirmação de 2Sm 7, segundo o qual o Senhor afirma que passou errante pelos acampamentos dos israelitas “*debaixo de uma tenda e um abrigo*” (2Sm 7.6). Outra questão é o relato sobre os querubins, que possuem a função de trono. A menção ao nome do Senhor dos Exércitos entra naquilo que chamaremos de teologia do Nome do Senhor.

O relato de 2Sm 7 narra o desejo de Davi de construir um templo para abrigar a Arca, que se encontrava na tenda por ele construída. Contudo, o Senhor em sonho declara que não será Davi a construir uma casa, mas um seu descendente, no caso o rei Salomão, que construirá uma casa, mas para o Nome do Senhor habitar. O motivo dado para que Davi fosse impedido de construir o Templo em 1Rs 5 seriam as constantes guerras que ameaçavam Israel. Contudo, em 1Crônicas, o início da construção do Templo de Jerusalém parte de Davi e não de Salomão, sob a desculpa de que este era muito jovem e franzino (cf. 1Cr 22.2ss). Diante desses fatos, o Templo de Jerusalém é obra de Salomão ou ele é apenas continuador da construção iniciada por seu pai Davi?

Após a sua permanência na cidade de Davi, a Arca será novamente transladada para o Templo de Jerusalém, segundo a narração de 1Rs 8 e 2Cr 5. Conforme já comentado acima, o relato do traslado da Arca da cidade de Davi para Jerusalém segue o modelo do traslado feito por Davi de Silo para a cidade de Davi.

A Arca permanece no Templo de Jerusalém até o período anterior ao exílio da Babilônia; depois disso, desconhece-se o seu paradeiro e como ela teria desaparecido. A Escritura Judaica guarda certo silêncio a esse respeito. A primeira hipótese é de

que, durante o reinado de Roboão, a Arca tenha sido levada junto com os despojos de guerra para o Egito, durante a invasão de Sesac (cf. 1Rs 14.25-28). Uma segunda hipótese é que, após a vitória do rei de Israel Joás sobre o rei de Judá Amasias, a Arca da Aliança tenha sido levada, também, como despojo de guerra para o Reino do Norte (cf. 2Rs 14.8-14). A terceira hipótese aponta para a apostasia de Manassés, que profanou o Templo com altares, imagens e cultos pagãos (cf. 2Rs 21.4-6). A quarta e última hipótese aponta para o exílio da Babilônia, segundo a qual a Arca teria sido conduzida para a Babilônia ou teria sido destruída. Contudo, pelo fato da Arca da Aliança não constar da lista dos objetos saqueados do Templo, leva a pensar que ela, provavelmente, tenha sido eliminada durante o reinado de Manassés, reforçando a terceira hipótese (cf. 2Rs 25.13-17; Jr 52.17-23). Uma incógnita sobre o paradeiro da Arca nos é apresentada em 2Mc 2.7-8, onde Jeremias a teria escondido em uma caverna, mas o relato não goza de muita credibilidade, podendo apenas ser um modo de legitimar a continuidade do culto apesar da ausência dos objetos sagrados que compunham o Templo.

### **b) A função da Arca da Aliança**

Existem diversas tendências entre os exegetas quanto à concepção da Arca. A primeira concebe a Arca como uma extensão ou real presença do Senhor (cf. Nm 10.35-36; 1Sm 6.3, 5, 8, 20). A segunda tendência concebe a Arca como um anfiteatral palácio de guerra dos tempos anteriores à monarquia (cf. 1Sm 4). A terceira tendência vê a Arca como uma caixa, que poderia conter alguma pedra amuleto, um meteorito do monte Sinai ou alguma imagem, ou, ainda, as duas tábuas da Lei (cf. Êx 25.16, 21; 1Rs 8.21 = 2Cr 6.11). Outra tendência tende a ver a Arca como um trono portátil para a invisível presença do Senhor.<sup>7</sup>

A narrativa da guerra entre israelitas e filisteus apresenta a Arca da Aliança não somente como presença divina, mas como “poder” de Deus, segundo a imagem da mão poderosa do Senhor que afligiu o Egito. No caso, a presença da Arca demonstra o poder do Senhor (1Sm 4.8). Mesmo sendo capturada e depositada no templo de Dagon, a Arca continua a manifestar essa ideia quando a divindade filisteia se prostra diante do Senhor e quando os filisteus são golpeados por diversas aflições (cf. 1Sm 5.2-12).

O traslado da Arca para a cidade de Davi apresenta a ideia do Senhor como um guerreiro vitorioso ao se denominar a Arca como Arca do Senhor dos Exércitos (cf. 2Sm 6.2). A ideia se apresenta salutar diante do fato de que, durante o seu reinado, Davi deverá enfrentar diversas batalhas, conseguindo sair vitorioso de todas elas. Não é para menos que Davi irá convocar a elite do seu exército para a solenidade do traslado da Arca da Aliança (2Sm 6).

---

<sup>7</sup> DAVIES, 1962, v. I, p. 222-223; HARAN, M. *Temples and Temple-service in Ancient Israel*. Oxford: Clarendon Press, 1978. p. 246.

A tradição deuteronomista não exalta a importância da Arca da Aliança. Na literatura deuteronômica, a Arca não aparece como um trono, ou como um paládio de guerra, nem mesmo como símbolo da presença do Senhor. Em geral, a Arca é apresentada pelo autor deuteronomista apenas como uma caixa com a função de conter as tábuas da Aliança (cf. Dt 10.1, 3, 5; 1Rs 8.9).

A tradição sacerdotal faz uma apresentação mais elaborada a respeito da Arca da Aliança. No relato de Êx 25.10-22, a Arca surge a partir de uma planta celeste elaborada pelo próprio Senhor. Os materiais são de primeira qualidade, como ouro e madeira de acácia. Sobre a Arca é colocado o propiciatório, feito de puro ouro, sobre o qual era aspergido o sangue de cordeiros para a remissão dos pecados dos israelitas (cf. Lv 16; Hb 9). Dentro da tradição sacerdotal, segundo Seow, não existe a menor possibilidade da Arca ser interpretada como um trono ou um escabelo de trono, e os querubins não são parte de um trono, e sim figuras ornamentais desse.<sup>8</sup>

Na tradição sacerdotal, a Arca é o ponto de encontro entre o Senhor e os israelitas. A Arca aparece, na tradição sacerdotal, com o apelativo de Arca do Testemunho, conforme encontramos em Êx 25.21-22: “[...] e dentro dela (Arca) porás o Testemunho que te darei. Ali virei a ti, e, de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do Testemunho, falarei contigo [...]” (Cf. Êx 25.16, 21-22; 26.33, 34; 30.6). A tradição sacerdotal descarta a relação entre Arca e Aliança, dando preferência a Testemunho, porque concebem Aliança em termos de eternidade, que não pode ser destruído (cf. Gn 9.8-17; 17.1-27). Usando o apelativo de Arca do Testemunho, a tradição sacerdotal quer dizer que a Arca contém as cláusulas do tratado estabelecido entre o Senhor e Israel. O tratado é eterno, mesmo que as cláusulas escritas em pedras, por um motivo ou outro, possam vir a desaparecer.<sup>9</sup>

A Arca, no relato de Crônicas, aparece relacionada com a tradição deuteronomista. Na obra cronista, a Arca aparece sendo trasladada por Davi e posteriormente por Salomão. Diferentes do relato presente em Samuel e 1 Reis são a solenidade e a expressividade dadas aos levitas (cf. 1Cr 16-17; 2Cr 5).

Haran apresenta a concepção da Arca a partir de três pontos de vista: a) a Arca como ponto de encontro entre o Senhor e Israel; b) a Arca como trono do Senhor; c) Nm 10.35-36 como fundamento para a teoria da Arca como trono do Senhor.<sup>10</sup> Contudo, encontramos vários relatos bíblicos que põem em dúvida tal teoria: a) o nome: a Arca jamais recebe o nome de trono; b) o apelativo “do Senhor entronizado sobre os querubins” e não sobre a Arca; c) a posição da Arca no Templo de Jerusalém; d) a evidência de Jr 3.16-17 não prova que a Arca era concebida como um trono; e) o relato da tradição sacerdotal, que apresenta as medidas da construção

<sup>8</sup> SEOW, 1992, v. I, p. 392.

<sup>9</sup> Cf. SEOW, 1992, p. 392; DAVIES, 1962, v. I, p. 225.

<sup>10</sup> CLEMENTS, R. E. **God and Temple**. Oxford: Basil Blackwell, 1965. p. 28-29.

da Arca como uma caixa e não como um trono; f) o relato de 1Sm 4.1-7.2 apenas descreve a Arca como uma potente extensão da pessoa do Senhor.<sup>11</sup>

A Arca da Aliança como um trono merece certa atenção, tendo em vista que os textos bíblicos deixam transparecer tal hipótese. Em 2Sm 6.2, encontramos Davi junto com os israelitas que transportam “a Arca do Senhor sobre a qual é invocado [...] o nome do Senhor dos Exércitos que se assenta sobre os querubins” (cf. 2Sm 6.2; 2Rs 19.15; Is 37.16; Sl 80.2; 99.1). Por fim, a Arca e o propiciatório, como descrito na tradição sacerdotal, Deus falava com Moisés sentado entre os dois querubins e sentado sobre a Arca (cf. Êx 25.22; 30.6; Lv 16.2; Nm 7.89). Essas citações dão provas suficientes de que os querubins eram concebidos como suporte do trono do Senhor, sendo a Arca o trono.<sup>12</sup>

Haran apresenta posições diversas ao argumento da Arca como trono do Senhor. Segundo o autor, a frase “que se assenta sobre os querubins” (2Sm 6.2) não é nada mais do que uma glosa.<sup>13</sup> Por outro lado, por que o autor sacerdotal não preferiu adotar a palavra trono no lugar de Arca? Haran argumenta que Arca é a caixa que abriga objetos sagrados e o trono seria simbolizado pelo propiciatório sobre o qual os querubins estendiam as suas asas.<sup>14</sup> Contudo, o Senhor habitualmente é descrito sentado sobre os querubins e não sobre a Arca (Cf. 1Cr 28.18; Dt 33.26; Sl 18.11).

Diante da exposição, podemos concluir que a Arca, o propiciatório e os querubins formavam três distintos objetos. A Arca como abrigo para as tábuas da Lei, o propiciatório e os querubins como partes do trono do Senhor. O relato sacerdotal da consagração do Templo de Salomão põe em evidência a Arca como aquela que contém as tábuas da Lei e os querubins de dimensões expressivas que recobrem a Arca, porém sem fazer alusão ao propiciatório. A tradição sacerdotal, no entanto, é a única que une a Arca ao propiciatório como se tratando de um único objeto.<sup>15</sup> Pode-se dizer que a Arca pode ser pensada como um trono enquanto relacionada com os querubins e o propiciatório, não que ela mesma seja um trono dentro da tradição bíblica. O relacionamento Arca e querubins como trono do Senhor provavelmente faz parte da tradição de Silo.

## 2. Tenda da reunião e objetos sagrados

Assim como a Arca é concebida de modo diferente entre as diversas tradições<sup>16</sup>, o mesmo acontece com o tema da tenda da reunião.

---

<sup>11</sup> CLEMENTS, 1965, p. 30-31.

<sup>12</sup> HARAN, 1978, p. 247.

<sup>13</sup> HARAN, 1978, p. 247-248.

<sup>14</sup> HARAN, 1978, p. 248.

<sup>15</sup> HARAN, 1978, p. 251.

<sup>16</sup> Javista, Eloísta, Deuteronomista e Sacerdotal. Atualmente as chamadas teorias das fontes J, E, D e P, aplicadas ao Pentateuco, são objeto de discussão e análise. Ver SKA, J. L. *Introduzione alla Lettura del Pentateuco*. Bologna: EDB, 2004. Na realidade, Ska propõe uma mudança metodológica em

A tenda da reunião é, sem dúvida, a mais forte instituição relacionada com a presença do Senhor em toda a Sagrada Escritura israelita.

O santuário do deserto teria sido construído ainda durante o período do deserto, ou seja, antes da posse da terra de Canaã, dentro daquilo que Haran chama de “utopia sacerdotal”<sup>17</sup>. O autor defende que a descrição da tenda do deserto feita pela tradição sacerdotal é exagerada e nunca existiu em Israel.<sup>18</sup>

O santuário do deserto foi erigido ainda durante a permanência dos israelitas no monte Sinai, momento no qual o Senhor estabeleceu uma aliança com os israelitas, tendo suas “cláusulas” prescritas no Decálogo. Ela surge como abrigo para a Arca da Aliança, que continha as duas tábuas da Lei. A tenda da reunião acompanhou a peregrinação dos israelitas durante toda a sua marcha pelo deserto até a chegada à Terra Prometida. Chegando ao seu destino, o santuário permaneceu por um breve período de tempo em Guilgal (cf. Js 4.19; 5.10) e, logo em seguida, foi trasladado para Silo, lugar no qual, diante do santuário, os israelitas fizeram a partilha da Terra Prometida (cf. Js 18.1-10; 19.51; 1Sm 2.18-23). Segundo o relato sacerdotal, o santuário do deserto permaneceu em Silo até o seu traslado para a cidade de Davi e de lá para o Templo de Salomão. Não existe nenhuma alusão, no relato sacerdotal, de que o santuário tenha saído de Silo para algum outro lugar até o seu traslado por Davi. Contudo, Jz 20.26-27 narra a presença da Arca da Aliança em Betel e em Gabaon (1Cr 16.39; 21.29 e 2Cr 1.3-6). Segundo Haran, o relato da Arca da Aliança em Betel e em Gabaon é somente uma tentativa forçada de um tardio historiógrafo para justificar os relatos do livro dos Reis (cf. 1Rs 3.4).<sup>19</sup> 1Rs 3.4 relata a Arca da Aliança em Gabaon, onde o próprio Salomão vai apresentar-se diante do Senhor e oferecer sacrifícios, sendo que, após a construção do Templo em Jerusalém, nos é relatado que a Arca é trasladada da cidade de Davi, que é Sião. Aqui permanece uma dúvida se durante a construção do Templo a Arca teria sido trasladada de um lugar para outro, que é uma possibilidade não muito plausível. Contudo, Silo era o lugar por excelência com o qual o santuário do deserto é relacionado pela tradição sacerdotal, até a sua tomada pelos filisteus.

Em 1Rs 8.4 nos é relatado o traslado da Arca da Aliança junto com a tenda santuário do deserto. Contudo, em 1Sm 1.7, 24, o autor deixa transparecer que em Silo existiria um templo estável, mas tal hipótese é contestada com o relato de 2Sm 7.6-7, no qual o Senhor afirma habitar em uma tenda móvel, que acompanhava a peregrinação errante dos israelitas.<sup>20</sup> O relato sacerdotal da tenda em Silo assume a forma da tradição do Templo de Jerusalém como um meio de exaltar a importância

---

relação à análise do texto, não tanto preocupado sobre qual seria a fonte a qual esse pertenceria, mas, sim, trabalhar a partir do próprio texto, com todas as possibilidades que esse oferece. Ska não anula o conceito de fontes, mas critica que uma teoria tenha se tornado um dogma.

<sup>17</sup> HARAN, 1978, p. 149

<sup>18</sup> HARAN, 1978, p. 189.

<sup>19</sup> HARAN, 1978, p. 200.

<sup>20</sup> HARAN, 1978, p. 201.

e a sacralidade da tenda da reunião como sendo um verdadeiro templo dentro dos padrões do Antigo Oriente, ou, possivelmente, trata-se de uma lenda transmitida oralmente e aceita pelo autor sacerdotal.<sup>21</sup> Leve-se em consideração que durante a permanência da Arca em Silo, este assume o posto de santuário central de Israel por tal presença e assim permanecerá até a tomada da Arca pelos filisteus e posterior retorno para Cariat-Iarim (cf. 1Sm 7.1).

A correspondência entre a tenda sacerdotal e o Templo de Salomão é evidente, em primeiro lugar pelos objetos: querubins e a Arca no interior do “Santo”, a mesa, a lâmpada e o altar do incenso e o altar do sacrifício. Em ambos os relatos, os objetos são feitos ou revestidos de ouro, amplo uso de madeira, de cobre e de bronze. O que nos chama a atenção é a estrutura altamente elaborada e pesada da tenda do deserto, tendo em vista que estamos diante de uma realidade nômade, que pressupõe elementos leves para o deslocamento de um lugar para o outro, bem como a ausência de alguns materiais difíceis de serem encontrados em ambiente desértico. Haran salienta que os exegetas são do parecer de que o autor sacerdotal projetou, talvez no pós-exílio, uma imagem do Templo de Salomão na história do Êxodo<sup>22</sup> e que o relato seria uma história de ficção.<sup>23</sup> Contudo, a conexão entre a tenda da reunião do relato sacerdotal e o Templo de Salomão não é apenas uma retroprojeção da escola sacerdotal e/ou uma história de ficção, pois o relato nasce a partir de um substrato histórico transmitido oralmente por gerações. Esse substrato pertence a uma antiga e autêntica tradição.<sup>24</sup> A tradição oralmente transmitida fala de um santuário do deserto, que é na realidade uma tenda móvel, próprio para a vida nômade. Nesse sentido, o santuário móvel não deveria ser tão majestoso e suntuoso como foi descrito posteriormente, mas o fato dele ser descrito em tal magnitude não quer dizer que não tenha existido e que se trate somente de uma ficção ou uma invenção de alguma mente criativa.

Podemos também afirmar que o santuário não era apenas uma tenda provisória, tendo em vista que, após a tomada de posse de Canaã, ela permanece durante várias gerações<sup>25</sup> e, ao mesmo tempo, ela não se coloca em pé de igualdade com os templos construídos em Israel a não ser em relação ao Templo de Jerusalém, que será o seu legítimo sucessor.

A relação entre a Arca da Aliança e a tenda da reunião é uma questão de debate entre os exegetas. O relato Eloísta de Êx 33.7-11 deixa transparecer que a tenda da reunião era um lugar de manifestação teofânica divina, aos moldes proféticos, sem a presença da Arca, ou seja, a tenda seria um lugar para receber oráculos e consultar o Senhor. De fato, o relato do Eloísta não faz nenhuma menção à Arca da Aliança, enquanto Nm 10.33-36 e 14.44 tratam somente da Arca, sem

---

<sup>21</sup> HARAN, 1978, p. 203.

<sup>22</sup> HARAN, 1978, p. 194.

<sup>23</sup> HARAN, 1978, p. 197.

<sup>24</sup> HARAN, 1978, p. 195.

<sup>25</sup> HARAN, 1978, p. 196.

fazer nenhuma referência à tenda. Em todo caso, durante o período de Silo, as duas instituições são unificadas formando o santuário central por excelência de Israel.<sup>26</sup>

Será durante o período de Silo que a vida cultural de Israel terá um grande avanço, seja pelas tradições israelitas, seja pela então influência da já estabelecida vida cultural de Canaã. O intercâmbio cultural e religioso entre Canaã e Israel marcará profundamente a vida cultural israelita, porém sem perder a sua essencialidade, ou seja, de povo da Aliança.

### 3. Querubins

A discussão em torno da Arca gira em torno de seu significado. Enquanto algumas tradições a concebem como sendo um objeto sagrado, representando a própria presença do Senhor, outras a veem apenas como um caixote contendo as duas tábuas da Lei e, ainda, como um escabelo para apoiar os pés do Senhor. Nesse contexto entra a função dos querubins, que estendem as suas asas sobre a Arca.

Os dois querubins apresentados pela tradição sacerdotal, como aqueles que aparecem na consagração do Templo de Salomão e aqueles da visão de Ezequiel, representariam nada menos do que o trono do Senhor.<sup>27</sup>

As palavras “cherub” (sing.) e “querubins” (pl.) aparecem mais de noventa vezes no *MT* e sempre em contexto sacro.<sup>28</sup> Não existe uma uniformidade sobre a sua natureza, apenas que são seres alados. Os querubins são apresentados através de duas formas: a) bidimensional – quando aparecem bordados em tecidos ou esculpido em baixo relevo e b) tridimensional: que são os seres alados propriamente ditos ou uma estátua desses.<sup>29</sup>

Na forma bidimensional, encontramos as cortinas do interior da tenda santuário do deserto, que eram bordadas com querubins (cf. Êx 26.1, 31; 36.8, 35). As paredes do Templo, seja no seu interior como no seu exterior, possuíam, além de palmas e flores, as figuras de querubins entalhados em baixo relevo (cf. 1Rs 6.29; 2Cr 3.7; Ez 41.17-20). As portas e os objetos do Templo também possuíam, além de palmeiras, os querubins entalhados neles (cf. 1Rs 7.29, 36).<sup>30</sup>

Na forma tridimensional, encontramos os dois querubins entalhados que faziam parte dos santuários do deserto. Dois querubins de ouro com asas estendidas faziam parte da cobertura da Arca, dentro do Santo dos Santos no santuário do deserto (cf. Êx 25.18-22; 37.7-9).<sup>31</sup> No relato do Êxodo, os querubins aparecem unidos ao propiciatório, que cobre a Arca, e a função de ambos, querubins e propiciatório, é cobrir a Arca e servir de base para o Senhor.

<sup>26</sup> Cf. CLEMENTS, 1965, p. 36-39.

<sup>27</sup> HARAN, 1978, p. 251; DHORME, P.; VICENT, L. H. Les Chérubins. In: *RB*. 1926. v. 3, p. 5485.

<sup>28</sup> MEYERS, C. Cherubim. In: **Anchor Bible Dictionary A-C**. 1992. v. I, p. 899.

<sup>29</sup> MEYERS, 1992, v. 1, p. 899.

<sup>30</sup> MEYERS, 1992, v. 1, p. 899-900.

<sup>31</sup> MEYERS, 1992, v. 1, p. 900.

O Templo de Jerusalém possuía também dois grandes querubins, esculpidos em madeira de oliveira e revestidos em ouro. A expressiva medida dos querubins pode ser sentida quando se fala que suas asas se tocavam entre si e se entendiam por toda a largura do Templo, tocando as paredes laterais desse (cf. 1Rs 6.23-28; 8.6-7). Como já citado acima, os querubins possivelmente seriam o trono no qual se assenta o Senhor (cf. 2Rs 19.15).

Na sua forma de “ser alado”, os querubins aparecem em Gênesis como porteiros do jardim do Éden, portando “a chama da espada fulgurante” para guardar o caminho da árvore da vida (Gn 3.24).

Segundo o livro do Êxodo, os querubins aparecem sobre a Arca, enquanto no livro dos Reis, ao lado da Arca da Aliança. Além da sua possível função de trono do Senhor (2Rs 19.15), eles possuem a função de cobertura ou abrigo ou proteção da Arca. Nos textos de Êx 25.20; 37.9 e 1Rs 8.7, eles têm a função de cobrir (*skk*).<sup>32</sup> O relato sacerdotal apresenta o verbo «*skk*» somente indicando a posição da Arca em relação às asas dos querubins. Contudo, em Êx 40.3, 21, quem possui a função de cobrir a Arca da Aliança não são os querubins, mas sim o véu (Êx 40.3, 21), expresso com o mesmo verbo *skk*. Chama-nos a atenção o relato de 2Cr 28.18, no qual se relata que a função dos querubins, além daquele de ser *skk*, é também a de ser, junto com a Arca, provavelmente, um “carro divino”. Não podemos afirmar que se trate de um acréscimo acidental do autor, mas chama a atenção, principalmente quando entramos em contato com o relato da carruagem de fogo de Ez 1 e 10.

Sobre a função dos querubins de ser o trono do Senhor, encontramos uma dificuldade em 2Sm 22.11 e no Sl 18.11, nos quais o Senhor aparece cavalcando sobre “um” querubim. Na Sagrada Escritura, os querubins são apresentados em diversas formas, porém um não anula a imagem do outro, pois se trata de criaturas celestes que, ao lado de outras criaturas celestiais (arcanjos, anjos, serafins), formam a “milícia celeste ou exército do céu” e servem a Deus de diversos modos (cf. 1Rs 22.19; Sl 148.2).<sup>33</sup>

Se tomarmos em conta que o propiciatório e os querubins formavam o trono do Senhor, podemos considerar a Arca com a função de “escabelo” do trono, além daquela de ser o abrigo das tábuas da Aliança. Haran confirma a prática de se guardar documentos escritos nos templos, em caixas especiais, aos pés de imagens de divindades pelos egípcios, hititas e, provavelmente, por todo o Oriente próximo. Esses documentos eram testemunhos (*'edūt*)<sup>34</sup> ou alianças (*b'erît*)<sup>35</sup> postos aos pés das divindades, que, por sinal, era o lugar mais apropriado para se guardar tais documentos. O que nos ajuda a perceber tal fato é a citação acidental em Dt 31.26 que especifica que o Livro da Torá é também posto dentro da Arca da Aliança do

<sup>32</sup> HARAN, 1978, p. 252.

<sup>33</sup> Cf. HARAN, 1978, p. 254-255.

<sup>34</sup> Termo usado por P.

<sup>35</sup> Termo usado por D.

Senhor.<sup>36</sup> Que a tradição deuteronomista ou sacerdotal atribua o nome de Aliança para um e testemunho para o outro, serve como justificativa de que as tábuas da Aliança são um “contrato” estabelecido entre duas partes (o Senhor e o povo de Israel), que implica direitos e deveres das partes “contratantes”.

Os símbolos do trono e do escabelo servem também para especificar o Templo como casa de Deus, ou melhor, a casa de Deus possui um trono e um escabelo. Em Is 66.1, quando o Senhor fala da sua morada, ele especifica que o céu é o seu trono e a terra é o seu escabelo. 2Cr 28.2 nos deixa claro que a intenção de Davi de construir o Templo de Jerusalém é o de por a Arca da Aliança do Senhor como “pedestal de nosso Deus” (cf. também: Sl 99.5 e 132.7).

Podemos concluir, a partir dos textos apresentados, que a Arca e os querubins nos textos bíblicos da Sagrada Escritura assumem a função de trono e escabelo dentro do Templo de Jerusalém, que é a residência terrestre do Senhor, principalmente pela atestação de Êx 25.22 e Nm 7.89.

#### 4. Nuvem – glória do Senhor

A Sagrada Escritura apresenta diversos termos em referência à “nuvem” que podem ter o mesmo significado ou simbolizam o conceito de nuvem. Encontramos o termo *nēšī’îm* com um significado aproximado de vapor (cf Jr 10.13a); *‘ēd*, com o significado de névoa (Gn 2.6); *š’hāqîm* com o significado de firmamento (Sl 77.18a); *‘āb* com o significado de nuvem pesada ou nuvem escura (Sl 77.18b). Algumas vezes *š’hāqîm* aparece junto com *‘āb*, como em 2Sm 22.12. Contudo, na maioria das vezes (aprox. 85 vezes) encontramos a palavra hebraica *‘ānān* com o significado habitual de “nuvem”.<sup>37</sup>

Nuvem (*‘ānān*) aparece nos textos bíblicos relacionada com algum outro termo que amplia ou adjetiva o seu significado original. Em Jó (37.11, 15), a palavra nuvem aparece na função de chuva que lança os seus raios; já em Isaías (44.22), os pecados de Israel que são dissipados são comparados à imagem da nuvem que se vai; em Oseias (6.4; 13.3), o amor de Efraim e de Judá é comparado à nuvem da manhã, que logo passa; Joel e Sofonias (Jl 2.2; Sf 1.15) comparam o Dia do Senhor como um dia de “*trevas e escuridão, um dia de nuvens e obscuridade!*”; por outro lado, em Ezequiel (Ez 34.12), o Senhor aparece como um bom pastor, que cuidará do seu rebanho e recolherá aquelas ovelhas dispersas em dia de nuvem e escuridão. Contudo, *‘ānān* aparece na Bíblia mais intimamente ligada à manifestação do Senhor. O Sl 97 constitui um típico exemplo de teofania divina:

<sup>36</sup> HARAN, 1978, p. 255.

<sup>37</sup> LUZARRAGA, J. *Las Tradiciones de la Nube en la Biblia y en el Judaísmo Primitivo*. Roma: Biblical Institute Press, 1973. p.15-41; SABOURIN, L. *The Biblical Cloud*. In: **BTB**. 1974. v. 4, p. 290-295.

O Senhor é rei! Que a terra exulte, as ilhas numerosas fiquem alegres! Envolvem-no trevas e nuvens, justiça e direito sustentam seu trono. À frente dele avança o fogo, devorando seus adversários ao redor; seus relâmpagos iluminam o mundo e, vendos, a terra estremece. As montanhas se derretem como cera frente ao Senhor da terra inteira; o céu proclama sua justiça e os povos todos veem sua glória.<sup>38</sup>

O Sl 97 faz uma sugestiva síntese do tema da nuvem ligado à teofania, no qual o Senhor aparece envolvido por uma nuvem escura, manifestando a sua glória.

Na Sagrada Escritura, a nuvem como manifestação da glória do Senhor aparece sobre o monte Sinai, sobre o monte Moriá, acompanhando os israelitas durante a sua marcha pelo deserto, dentro da tenda do deserto e dentro do Templo ou como sinal escatológico. No Novo Testamento, a nuvem aparece na transfiguração e na ascensão de Jesus e nos temas escatológicos, bem como nos temas ligados ao Espírito Santo.

A nuvem ligada ao tema do Êxodo aparece nas seguintes tradições literárias<sup>39</sup>:

- 1) J: Êx 13.21s; 14.19b, 20, 24; Nm 10.34; 14.14b; Sl 99.7; 105.39 e Ne 9.12, 19;
- 2) E: Êx 33.9; Nm 11.25; 12.5, 9s; Sl 78.14;
- 3) P: Êx 16.10; 40.36-38; 43.34s; Lv 16.2; Nm 9.15-22; 10.12; 17.7; 1Rs 8.10; Êx 10.3; 2Cr 5.13-16.1;
- 4) D: Dt 1.33; 31.15.

Dentro do tema do Êxodo<sup>40</sup>, encontramos "ânã" no seguinte modo:

1. Nuvem como coluna durante a travessia do mar dos Juncos (Êx 14.19s, 24);
2. A coluna de nuvem como guia para os israelitas no deserto (Êx 13.21s; Dt 1.33; Sl 78.14);
3. Nuvem como um abrigo ou baldaquino sobre Israel (Nm 14.14; Sl 105.39; Is 4.5-6);
4. A nuvem como cobertura sobre a tenda ou preenchendo o Templo:
  - a) A nuvem sobre a tenda (Êx 40.34s; cf. 24.16);
  - b) A nuvem preenche o Templo (1Rs 8.10s);
  - c) A nuvem de fogo sobre a tenda (Nm 9.15s; cf. Êx 40.38).
5. A coluna de nuvem como meio ou lugar de oráculo (Êx 33.9s; Nm 11.24ss; 12.5s).

Com os atributos relacionados com nuvem manifestando a presença do Senhor em meio ao seu povo, o tema da nuvem passou a ser um elemento sugestivo para o anúncio escatológico. No livro de Daniel, encontramos a visão do Filho do Homem que vem sobre as nuvens do céu (Dn 7.13); Isaías apresenta o Senhor que corre velozmente ao Egito sobre uma nuvem (Is 19.1; cf. Sl 104.3); em 2 Macabeus, Jeremias censura os israelitas que tentam identificar o lugar onde estão escondidos

<sup>38</sup> Sl 97.1-6; cf. Hc 3.3-6; Na 1.3-6; Jl 2.1-11; Sl 18.8-16.

<sup>39</sup> LUZARRAGA, 1973, p. 45-245; SABOURIN, 1974, v. 4, p. 296-302.

<sup>40</sup> SABOURIN, 1974, v. 4, p. 301.

a tenda, a Arca e o altar dos perfumes, pois o lugar só será revelado quando Deus usar de misericórdia para com seu povo e se manifestar em glória como a nuvem (2Mc 2.7-8). No relato da consagração do Templo de Jerusalém, o tema da nuvem, possivelmente, aparece dentro da tradição sacerdotal e quer dizer que o Senhor toma posse do Templo, como é sugerido pelo próprio texto a partir da exclamação de reconhecimento de Salomão. Nessa perspectiva, entramos no tema da *shekinah* ou da presença divina.

Deus expressa pessoalmente a sua vontade de querer habitar entre os israelitas e por isso ordena que se faça um santuário segundo seu próprio projeto para que ele possa morar (cf. Êx 25.8).

A tenda santuário do deserto e, posteriormente, o Templo de Jerusalém aparecem como moradia do Senhor. A tenda do deserto surge por vontade própria do Senhor: “Faze-me um santuário, para que eu possa habitar no meio deles. Fazerás tudo conforme o modelo da Habitação e o modelo da sua mobília que eu irei mostrar” (Êx 25.8-9), ao passo que o Templo de Jerusalém surge por vontade de Davi e iniciativa de Salomão: “[...] meu Pai Davi teve a intenção de construir uma casa para o Nome do Senhor [...] Mas o Senhor disse [...] não serás tu quem edificará esta casa, e sim, teu filho [...]” (1Rs 8.17-19). Tais moradias após respectivas edificações vêm empossadas pelo seu dono, ou seja, o Senhor, e a tomada de posse se faz através da manifestação da nuvem que preenche a tenda (Êx 40.34-35) e o Templo (1Rs 8.10-13). A presença divina do Senhor recebe o nome de *shekinah*.

A *shekinah* era a presença divina na tenda da reunião (cf. Êx 25.22; 33.7; Lv 1.1 – em Silo; Js 18.1; Jz 18.31) e, posteriormente, no Templo de Jerusalém (cf. 1Rs 8.10-13). Uma presença especial e real. Sem dúvida, o lugar da *shekinah* é no mais alto dos céus. Contudo, a *shekinah* pode descer dos altos dos céus ao nível terrestre e humano.<sup>41</sup>

A tradição bíblica aplicará ao ato de morar ou estar presente (presença divina) o nome de *shekinah*. Podendo dizer que a *shekinah* repousa ou reside ou, simplesmente, está no Templo.<sup>42</sup>

A literatura deuteronômista, querendo salvaguardar a grandiosidade e total transcendência divina, cujo tenda/templo não é capaz de comportar, fala em termos de “Nome do Senhor”. Assim se entende porque Salomão edifica uma casa para o Nome do Senhor e será o próprio rei a expressar o fato, que se nem os céus podem conter a grandeza do Senhor, muito menos a casa (Templo) por ele construído (cf. 1Rs 8.27ss).

<sup>41</sup> Cf. LENHARDT, P. La Tradition d’Israel sur la Présence Divine (Shekinah), dans le Temple et dans le monde éclaire la foi chrétienne en l’Incarnation. In: **CahRat**, 2, p. 137-142, 1997.

<sup>42</sup> LENHARDT, 1997, p. 140.

## **Conclusão**

Os relatos bíblicos apresentam três instituições que marcam a história do povo de Deus, ou seja, a Arca, a tenda e a nuvem. Habitualmente as três instituições se relacionam, manifestando a presença de Deus no meio do seu povo eleito. A história bíblica não permite afirmar, com exatidão, qual teria sido o destino da Arca no seu processo histórico. Sabe-se, com certeza, que ela desapareceu em um determinado momento da história de Israel. Teria sido destruída por algum dos reis; teria sido escondida por Jeremias em alguma montanha; teria sido levada para os céus, como nos afirma o Apocalipse de São João. Isso se torna um mistério. Em todo caso, a Arca da Aliança marcou a vida do povo de Israel. Deus fez uma aliança e permaneceu junto ao seu povo eleito. A vida cultural, que girava em torno ao Templo de Jerusalém, exaltava a dimensão de povo sacerdotal, que servia ao Senhor seu Deus na casa que ele escolhera para habitar o seu Nome, no lugar que ele escolhera, na Terra Prometida.

O primeiro livro dos Reis nos informa da ação de Jeroboão para conter as peregrinações religiosas das tribos do Norte ao Templo de Jerusalém. Para tal, faz dois bezerros de ouro e os instala nos santuários de Betel e de Dã (cf. 1Rs 12). Tomando-se como modelo a Arca da Aliança e os querubins do Templo de Jerusalém, pode-se supor que Jeroboão tenha tentado constituir para os dois santuários não imagens de adoração, mas tronos para a permanência de Deus em tais santuários. Em todo caso, sob a ótica de Judá, os bezerros de ouro eram, na realidade, objetos de adoração. Existir templos ou santuários dedicados ao culto do Senhor não é de todo estranho, como se pode observar através do templo da ilha Elefantina, na região de Assuan, Egito, construído pelos israelitas exilados pela Assíria em 722 a.C. Claro que não se trata de uma prática comum ao povo de Israel, mas são dados significativos sobre a vida cultural fora dos círculos jerosolimitas.

Contudo, o Templo de Jerusalém e os objetos sagrados que o compunham jamais perderam a sua importância e o seu significado. O Templo é a casa na qual habita o Nome do Senhor, Deus de Israel (cf. 1Rs 8.20).